

# VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

ISSN: 2525-9571

Vol. 6 | N.º. 3 | Ano 2024

## EIXO TEMÁTICO: EDUCAÇÃO, CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INFORMAÇÃO

**Ayrton Madruga  
Barbosa**  
PPGEO/UERJ  
madrugaayrton@gmail.com

**Gisely Guimarães da  
Silva**  
EDU/UERJ  
giselyguimaraes93@gmail.com

### **CONHECER PARA INCLUIR: a importância da inclusão de alunos com baixa visão no ensino de geografia**

*Saber para incluir: la importancia de incluir a  
los alumnos con baja visión en la enseñanza de  
la geografía*

**Resumo:** O trabalho objetivou discutir a importância da inclusão de alunos com baixa visão no ensino de Geografia, destacando o conceito desta deficiência visual para pensar e discutir estratégias pedagógicas e recursos didáticos que promovem uma aprendizagem efetiva. A presença de alunos com baixa visão em salas de aula levanta questões sobre acessibilidade e metodologias de ensino adaptadas. Posto isto, a Geografia, por sua natureza visual e espacial, requer abordagens inovadoras para garantir a compreensão plena e a participação ativa desses alunos. A operacionalização da pesquisa foi efetuada através de uma revisão bibliográfica a respeito da temática. Sendo assim, este estudo se fundamenta em pesquisas pedagógicas recentes e na definição sobre baixa visão para promover práticas inclusivas e alcançar uma Geografia verdadeiramente para todos.

**Palavras-chave:** baixa visão; ensino; geografia.

**Resumen:** El objetivo de este estudio fue discutir la importancia de la inclusión de alumnos con baja visión en la enseñanza de la Geografía, destacando el concepto de esta deficiencia visual para pensar y discutir estrategias pedagógicas y recursos didáticos que promuevan un aprendizaje eficaz. La presencia de alumnos con baja visión en las aulas plantea cuestiones sobre accesibilidad y metodologías de enseñanza adaptadas. Dicho esto, la Geografía, debido a su naturaleza visual y espacial, requiere enfoques innovadores para garantizar la plena comprensión y la participación activa de estos estudiantes. La investigación se operacionalizó mediante una revisión bibliográfica sobre el tema. Como tal, este estudio se basa en investigaciones pedagógicas recientes y en la definición de la baja visión con el fin de promover prácticas inclusivas y lograr una Geografía que sea realmente para todos.

**Palabras Clave:** baja visión; enseñanza; geografia.

## 1. Introdução

Os debates sobre a importância da inclusão de estudantes com deficiência no sistema educacional brasileiro têm sido amplamente divulgados e são alvo de várias pesquisas, além de diversos estudos sobre a temática. Contudo, é evidente uma carência quando o assunto é a inclusão de alunos com baixa visão, especialmente no ensino de Geografia. Com isso, torna-se necessário conhecer a baixa visão e discutir estratégias pedagógicas para auxiliar em um ensino mais igualitário.

Posto isto, a baixa visão é definida como uma deficiência visual, e é caracterizada pela redução da capacidade visual do indivíduo, e não possui correção óptica. Já segundo a definição de Laplane e Batista (2009), clinicamente a deficiência é definida como:

A pessoa com baixa visão ou visão subnormal apresenta uma redução na sua capacidade visual que interfere ou limita seu desempenho, mesmo após a correção de erros de refração comuns. A baixa visão pode ocorrer por traumatismos, doenças ou imperfeições no órgão ou no sistema visual. Um dos seus traços principais é a diversidade de problemas visuais que ela pode gerar. As pessoas com baixa visão podem ter baixa acuidade visual, dificuldade para enxergar de perto e/ou de longe, campo visual reduzido e problemas na visão de contraste, entre outros. (Laplane; Batista, 2009, p.210).

No âmbito educacional, assegurar o acesso a uma educação de qualidade para alunos com baixa visão requer adaptações específicas, principalmente em disciplinas que utilizam intensivamente recursos visuais, como a Geografia. Logo, torna-se imprescindível o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que assegurem a inclusão e a participação ativa desses alunos nas atividades propostas. Conforme aborda Silva (2023), a autora enfatiza que a utilização de recursos pedagógicos inclusivos no ensino de Geografia é fundamental, pois permite a compreensão do espaço geográfico de forma mais concreta e acessível.

Neste contexto, a noção de inclusão escolar, conforme discutido por Mantoan (2003), ultrapassa a mera presença física de estudantes com deficiência nas instituições de ensino. Trata-se de criar um ambiente educacional onde todos, independentemente de suas limitações físicas, sensoriais ou cognitivas, tenham acesso igualitário às atividades e a todo o material da aprendizagem escolar. Logo, para alunos com baixa visão, isso envolve não apenas a adaptação dos recursos didáticos, mas também a capacitação dos docentes para atender às particularidades desse grupo. Um dos principais obstáculos no ensino de Geografia para estudantes com baixa visão está vinculado ao uso de mapas, gráficos e outras representações espaciais que, por serem predominantemente visuais, podem não ser acessíveis a esses alunos. Portanto, a utilização de materiais adaptados e estratégias pedagógicas é essencial para assegurar o acesso ao aprendizado geográfico.

A literatura atual indica várias abordagens que podem ser adotadas no ensino de Geografia para estudantes com deficiência visual. De acordo com Almeida e Loch (2005), uma das táticas mais eficazes é a utilização de mapas táteis, que possibilitam aos alunos a exploração das características espaciais através do tato. Contudo, para alunos com baixa

visão, o resíduo visual deve ser utilizado ao máximo. Assim, a ampliação de textos e detalhes em legendas pode auxiliar no desenvolvimento e entendimento desses alunos, favorecendo uma compreensão mais aprofundada dos conteúdos.

Cabe ressaltar que não é suficiente apenas disponibilizar materiais adaptados e tecnologias assistivas. É imprescindível que os docentes sejam capacitados para utilizar esses recursos de forma eficaz e que consigam desenvolver metodologias de ensino que atendam às necessidades específicas dos alunos com baixa visão. Para Oliveira (2023), a formação dos docentes é um dos pilares essenciais da educação inclusiva, uma vez que os educadores são os principais responsáveis pela implantação de práticas pedagógicas inclusivas em sala de aula. Portanto, sem uma formação adequada, os professores podem enfrentar dificuldades e desafios para adequar suas aulas para alunos com deficiência, o que pode prejudicar a inclusão efetiva desses estudantes.

Por fim, este estudo revisa a literatura para apresentar o conceito e os tipos de baixa visão, a fim de contribuir para a adequação de novos materiais didáticos e refletir sobre novas estratégias para auxiliar na inclusão desses alunos no ensino, principalmente em Geografia. Assim, ao reunir pesquisas sobre a temática, o objetivo é fornecer uma nova perspectiva sobre estudantes com deficiência visual, sendo que a inclusão de alunos com baixa visão exige um olhar atento às especificidades de cada estudante, bem como a implementação de práticas pedagógicas que garantam a participação ativa de todos nas atividades cotidianas no âmbito escolar.

## 2. Baixa visão: Do que se trata?

A baixa visão é um tipo de deficiência visual, contudo não é tão respeitada e conhecida entre a população em geral. Diversos casos de intolerância e de falta de inclusão são frequentes, proporcionando assim cenas lamentáveis. Um jovem com visão subnormal carregando sua bengala verde (bengala para pessoas com baixa visão) apanhou no metrô da cidade do Rio de Janeiro, pois para os passageiros ele estava supostamente "mentindo" ao mexer no celular e fingindo ser deficiente visual. O rapaz entrou no vagão e utilizou o acento preferencial, porém para as pessoas que estavam por perto o jovem era um impostor, que queria um lugar sentado no horário de pico. O menino acabou sendo expulso e hostilizado do vagão, ouvindo ameaças, inúmeras ofensas e questionamentos sobre sua limitação visual. Tal fato é explicado pela falta de divulgação e conhecimento sobre pessoas com visão subnormal. Posto isto, apresentar e conhecer a baixa visão é de suma importância nos estudos acadêmicos e também para a sociedade.

Para falar da baixa visão são necessárias reflexões sobre o conceito e os diferentes tipos da visão subnormal. Apresentaremos agora algumas percepções que são baseadas em aportes teóricos que apresentam estudos, pesquisas e debates sobre a baixa visão, e também sobre a deficiência visual.

As considerações são baseadas nos estudos realizados por diferentes autores que desenvolvem ou desenvolveram pesquisa na área da baixa visão e também na área da deficiência visual. Além disto, foram consultados documentos jurídicos- legais norteadores sobre a visão subnormal.





Figura 1 –Símbolo da Baixa visão.

Conforme a figura 1, o símbolo indica a existência de recursos para pessoas com baixa visão/visão subnormal, que de maneira geral apresentam 30% ou menos de visão no melhor olho, após todos os procedimentos de correção óptica.

Algumas ferramentas que são utilizadas por pessoas que possuem baixa visão são: lupas, lunetas, régua de leitura, textos ampliados e a bengala na cor verde.

### 2.1. O que é deficiência visual?

Atualmente no Brasil, 23,9% (45,6 milhões) de pessoas são diagnosticadas com algum tipo de "deficiência". Além disso, a mais comum é a deficiência visual, atingindo 3,5% dos brasileiros. Em seguida, ficaram deficiências motoras (2,3%), intelectuais (1,4%), e auditivos (1,1%).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020 o Brasil tem cerca de 6,5 milhões de pessoas cegas ou com baixa visão. Sendo, 528.624 pessoas cegas, e 6.056.654 com baixa visão/visão subnormal.

Percebe-se que a maior parte dos considerados deficientes visuais são pessoas com baixa visão. Posto isto, torna-se importante discutir e abordar ações de inclusão e acessibilidade para este grupo. Contudo, é necessário conceituar e diferenciar os tipos de deficiência visual, para aprofundamento da temática.

Além de tudo, a visão é o meio mais importante de contato do indivíduo com o mundo exterior, e os graus de visibilidade abrangem um amplo aspecto de possibilidades, indo da cegueira até a visão total. Porém, o termo "deficiente visual" engloba pessoas cegas e com baixa visão/visão subnormal.

De maneira geral, a deficiência visual é apresentada em dois distintos grupos:

peças cegas e peças com baixa visão. Entretanto, a distinção entre cegueira e visão subnormal causa ainda muita confusão. Com isso, cabe mostrar a definição de cegueira, mesmo que, nesta pesquisa, os aspectos mais abordados estão relacionados à baixa visão.

Segundo Conde (2012);

A divisão do grupamento de deficientes visuais, cegos e portadores de visão subnormal se dão por duas escalas oftalmológicas: acuidade visual, visão em determinada distância; e campo visual, a amplitude da área alcançada pela visão. A definição pedagógica para cegueira e baixa visão define que, educacionalmente, cego é que, mesmo possuindo baixa visão, necessita de instruções em Braille. E baixa visão é definida como a perda visual severa, que não pode ser corrigida através de tratamento clínico ou cirúrgico, nem com uso de óculos convencionais. (Conde, 2012, p. 1).

No campo oftalmológico, existe uma diferenciação sobre cada conceito. Onde, a deficiência visual, é empregada quando a diminuição da visão acontece por perda da função visual por alterações orgânicas

A visão funcional, é o uso da visão do indivíduo para o desempenho de tarefas cotidianas. Outra definição importante, é a perda visual, que genericamente acaba sendo utilizada para perda total ou parcial da visão.

Por fim, oftalmologicamente o conceito de cegueira é empregado para a perda total da visão, e para condições em que o indivíduo se utilize, de maneira parcial, de recursos para substituição da visão. Já a ideia de baixa visão, é aplicada para níveis menores de perda visual, no quais o sujeito possa ser auxiliado por recursos para melhor resolução visual.

## 2.2. Definição de baixa visão

Baixa visão, também denominada visão subnormal, é uma perda visual que não possui correção óptica. Podendo inclusive, ser descrita como qualquer grau de enfraquecimento que cause danos a visão.

Assim sendo, a baixa visão é definida como uma deficiência visual, e é caracterizada pela redução na capacidade visual do indivíduo. Onde, segundo Laplane e Batista (2009), a definição clínica da visão subnormal é:

A pessoa com baixa visão ou visão subnormal apresenta uma redução na sua capacidade visual que interfere ou limita seu desempenho, mesmo após a correção de erros de refração comuns. A baixa visão pode ocorrer por traumatismos, doenças ou imperfeições no órgão ou no sistema visual. Um dos seus traços principais é a diversidade de problemas visuais que ela pode gerar. As pessoas com baixa visão podem ter baixa acuidade visual, dificuldade para enxergar de perto e/ou de longe, campo visual reduzido e problemas na visão de contraste, entre outros (Laplane; Batista, 2009, p. 210).

Portanto, nesse contexto, defini-se como pessoa com visão subnormal aquele que detém acuidade visual de 6/60 e 18/60 (escala métrica) ou um campo visual de 20° a 50°.

De acordo com o Ministério da Saúde, a baixa visão é definida como:

Considera-se baixa visão ou visão subnormal, quando o valor da acuidade visual corrigida no melhor olho é menor que 0,3 e maior ou igual a 0,05 ou seu campo visual é menor que 20° no melhor olho com maior correção óptica (Brasil, 2008, p. 205).

Contudo, destaca-se que embora o portador de visão subnormal possa fazer uso da correção óptica, não é possível uma total correção na resolução visual. Onde, Haddad e Sampaio (2010) destacam a avaliação funcional como importante para esclarecer e conceituar a baixa visão. Para os autores:

Baixa Visão, ou visão subnormal, descreve uma condição da função visual, intermediária entre a visão normal e a cegueira e secundária a um acometimento irreversível do sistema visual, na qual o uso da correção óptica para erros refracionais não é suficiente para melhor resolução visual, com prejuízo na realização de determinadas atividades e impacto negativo sobre a funcionalidade (Haddad e Sampaio, 2010, p. 127).

Por último, pedagogicamente para Conde (2012), a baixa visão é definida como perda visual severa. Entretanto, portadores de baixa visão não precisam do uso do braile, e sim do estimo para usar o resíduo visual, com as devidas adaptações, por exemplo, bengala (verde), materiais didáticos ampliados, lupas, telescópios, teclados especiais, softwares com acessibilidade e CD digital.

### 2.3. Baixa visão: Principais patologias

A baixa visão possui diversas patologias, onde podem variar de acordo com as causas e desenvolvimento da deficiência visual.

Entre as principais patologias da baixa visão, segundo o Ministério da Educação (2006), temos;

#### **Atrofia Óptica**

É uma perda total ou parcial da visão, causada por problemas no nervo óptico, papila, sendo capaz de causar degenerações das fibras, tanto das células ganglionares, como do corpo geniculado.

Os principais tipos de atrofia óptica são: simples, secundária e a atrofia glaucomatosa.

#### **Nistagmo**

Ocorre como oscilações involuntárias e rítmicas dos olhos, que causam mudanças do sistema sensorio- motor ocular. Podendo ser congênito, ou adquirido. Sua origem ainda não é bem conhecida na oftalmologia, contudo, estudos mais recentes apontam que o nistagmo acontece devido a uma alteração neurológica, ou tumor intracraniano.

O nistagmo também pode estar presente nas cataratas congênitas, atrofia óptica, albinismo, acromatoses, alterações retinianas e etc.

## **Alta miopia**

É um defeito de refração elevado, que frequentemente é hereditário, podendo haver deslocamento da retina.

## **Cataratas congênitas**

É uma perda de transparência do cristalino, tendo origem na diminuição na acuidade visual, além disso, afetando a visão periférica.

## **Degeneração macular**

Está na zona central da retina, macula, é uma das principais e mais frequentes causas da deficiência visual, e possui relação direta com a idade.

## **Glaucoma**

É uma patologia visual que a pressão intraocular é elevada produção em grandes quantidades ou deficiência na drenagem do humor aquoso.

## **Retinopatias**

Envolve perda de visão, onde o portador possui a visão tabular. Podendo ser hereditária ou não.

## **Síndrome USHER**

Estabelece a retinopatia pigmentar à problemas auditivos, afetando simultaneamente a visão e a audição.

## **Doença de Stargardt:**

Consiste em diversos escotomas do centro para a periferia da retina.

Por fim, a baixa visão pode ter diversas origens. Sendo, genética/hereditária, traumas gestacionais, acidentes, microrganismos, ou idade avançada.

## **3. Os principais recursos de apoio pedagógico para alunos com baixa visão**

É crucial destacar os recursos pedagógicos que servem de apoio para estudantes com baixa visão, sendo o objetivo de aumentar a autonomia e aprimorar o desempenho nas atividades escolares. Logo, existem recursos ópticos, não ópticos e eletrônicos que ajudam diretamente nas tarefas dos alunos, maximizando o aproveitamento da visão residual e tornando o processo de aprendizagem mais inclusivo e menos excludente.



Os recursos ópticos possuem um papel importante para alunos com baixa visão, tornando o cotidiano escolar mais acessível e inclusivo. Destacamos algumas ferramentas como lupas portáteis, óculos com lentes personalizadas e telescópicos de curto alcance, que são soluções para mitigar as dificuldades e ajudam a ampliar materiais visuais, como textos e imagens, permitindo que os estudantes tenham uma melhor interação com o conteúdo.

Além disso, segundo Ladeira e Queiroz (2002);

Estes sistemas de lentes são muito diversos e incluem desde simples lupas (de mão fixas ou móveis), lupas iluminadas, telescópios (monoculares e binoculares para melhorar a leitura e escrita), telescópios para a visão ao longe, (acoplados às armações ou não), prismas (para mover as imagens para uma parte diferente da retina) e lentes de contato. Com a evolução da ciência e da tecnologia, as lentes de contato têm vindo a revelar-se muito úteis na ajuda que podem dar em situações de baixa visão nomeadamente nas situações de afaquia em bebês e outros casos, revelando um papel muito importante na estimulação visual e num melhor aproveitamento do campo visual. (Ladeira; Queiroz. 2002, p. 42)

Entretanto, destaca-se que os recursos ópticos não corrigem os problemas de baixa visão, eles são apenas ferramentas que auxiliam o aluno nas tarefas escolares e cotidianas, mitigando assim, os efeitos e perdas causadas pela baixa visão.

Ladeira e Queiroz (2002), destacam sobre os auxílios não ópticos que se referem a filtros especiais (para alunos sensíveis à luz ou claridade), contrastes utilizados, tipo e ampliação de tamanho de letras, telescópio de leitura e escrita, gravador, modelos, tipo de papel, marcadores.

Os recursos tecnológicos, segundo Domingues (2002);

Nesta área vamos encontrar o circuito eletrônico fechado de televisão (CCTV) mais conhecido por Lupa TV, que pode ser fixo ou móvel. Outros sistemas de tratamento de informações podem ser utilizados nomeadamente: sistema de hardware (computador pessoal) e diversos aplicativos de informática disponíveis no mercado (Domingues, 2002, p. 120).

Conclui-se que são fundamentais os avanços tecnológicos para auxiliar o cotidiano das pessoas que possuem baixa visão, frente às barreiras que lhes são apresentadas diariamente. Estes recursos têm o propósito de ampliar as inúmeras possibilidades e que através da interação entre educador e educando construir juntos novos meios de apoio pedagógico, onde o docente irar buscar mais informações e qualificação sobre as inovações tecnológicas, para poder ser utilizada com o seu aluno, afim de mitigar as necessidades que as pessoas com baixa visão apresentam.

## 4. Baixa visão e o ensino de Geografia

O estudante com baixa visão já enfrenta naturalmente muitos desafios, especialmente em disciplinas que utilizam recursos visuais. Dentre elas, está a Geografia, uma matéria que frequentemente se vale de conteúdos visuais, como mapas, gráficos e imagens,

recorrendo ao uso de estratégias pedagógicas e recursos didáticos. No entanto, a tecnologia assistiva e a adaptação de materiais permitem que esse aluno se sinta devidamente incluído, favorecendo a evolução de seu aprendizado, à medida que as dificuldades são contornadas pelo avanço da tecnologia e dos estudos voltados para deficientes visuais, neste caso, focados na baixa visão.

Contudo, é importante ressaltar que não adianta dominar ferramentas didáticas e pedagógicas se os docentes não compreenderem urgentemente as necessidades e potencialidades dos alunos com baixa visão. A formação contínua e o desenvolvimento de novas estratégias pedagógicas inclusivas são fundamentais para que os professores possam criar práticas que atendam às particularidades de cada aluno. Dessa forma, a experiência de aprendizado se torna mais enriquecedora e o ensino inclusivo mais realista.

Outro aspecto necessário e relevante é a constante articulação entre os principais atores que se situam no nível das escolas, da família e dos profissionais especializados, fundamental para a definição das estratégias e dos instrumentos a serem utilizados para cada estudante, garantindo, assim, a verdadeira inclusão. Ao criar um aprendizado inclusivo, uma pessoa demonstra um compromisso com uma educação que valoriza as diferenças e as capacidades únicas que cada indivíduo possui. Logo, também é de grande importância que os estudantes sejam não apenas participantes ativos, mas também protagonistas em todos os ambientes de aprendizagem que lhes são disponibilizados.

Por fim, a educação em Geografia para estudantes com baixa visão não pode ser realizada sem a correta composição estrutural do currículo, das habilidades e dos recursos humanos. Quanto à preparação dos professores e ao esforço de todos os envolvidos, esses estudantes devem ser capazes de participar das atividades escolares e aprender a pensar em dimensões espaciais e processos sociais.

## 5. Conclusão

Para encerrar, o conteúdo deste artigo propicia diversas reflexões, abrindo caminhos para discussões no campo da Geografia e na formação docente. Os conceitos de deficiência visual e baixa visão são amplos e estão em constante evolução, acompanhando os avanços da medicina. Diante disso, a formação docente deve ser contínua, com o objetivo de buscar constantemente novas estratégias pedagógicas que promovam a inclusão e aprimorem o ensino para estudantes com baixa visão.

A compreensão do conceito de baixa visão e das diferentes patologias associadas é essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas no ensino de Geografia. Reconhecer as limitações desses estudantes possibilita a criação de estratégias adaptadas que promovem o acesso ao entendimento do espaço geográfico, garantindo equidade no aprendizado e uma inclusão efetiva durante as aulas.

Nesse contexto, o ensino de Geografia desempenha um papel fundamental na inclusão e no desenvolvimento integral dos alunos com baixa visão. A incorporação de metodologias sensoriais e a conscientização sobre a acessibilidade educacional ampliam

# VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

as oportunidades de aprendizagem para todos os estudantes, enriquecendo o ambiente escolar. Dessa forma, o papel do docente vai além da simples transmissão de conteúdos, atuando como mediador e facilitador de uma educação geográfica inclusiva, que valoriza a diversidade e respeita as necessidades individuais dos alunos.

Em suma, a inclusão não se limita à adaptação de materiais ou à adequação das estruturas físicas, mas também envolve a empatia da sociedade em relação à pessoa com deficiência. Para que uma escola seja verdadeiramente inclusiva, é essencial que a equipe pedagógica se dedique ao constante estudo sobre inclusão, de forma a garantir que a pessoa com deficiência se sinta efetivamente acolhida, e não apenas inserida em sala de aula para se adaptar aos demais alunos. A verdadeira inclusão ocorre quando a sociedade se adapta às necessidades da pessoa com deficiência, e não o contrário. Uma pessoa com baixa visão, por exemplo, permanecerá com essa condição, pois não há como alterá-la; no entanto, as pessoas ao seu redor podem e devem ajustar o ambiente para facilitar o aprendizado, garantindo que esse indivíduo se sinta confortável e genuinamente incluído.

Por fim, ainda existe um longo caminho para alcançar um ensino inclusivo para alunos com baixa visão e uma Geografia para todos.

## 6. Referências

ALMEIDA, Luciana. Cristina. de; LOCH, Ruth Emilia. Nogueira. Mapa tátil: passaporte para a inclusão. **EXTENSIO - Revista Eletrônica de Extensão** n. 3, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais Adaptações Curriculares: Estratégias para a Educação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais**. Brasília, 1999b.

BRASIL, Ministério da Educação. **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão**. [2. ed.] / coordenação geral SEESP/MEC. - Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 208 p. (Série: Saberes e práticas da inclusão) Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/avaliacao.pdf> Acesso em: 15 jan. 2024.

CONDE, Antônio João Menescal. **Definindo a cegueira e a visão subnormal**. IBC [online]. Disponível: <http://www.ibc.gov.br>, 2005.

DOMINGUES, Celma dos Anjos. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: os alunos com deficiência visual: baixa visão e cegueira** / Celma dos Anjos Domingues [et.al.]. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza] : Universidade Federal do Ceará, 2010. v. 3. (Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão escolar). Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=7105-fasciculo-3-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7105-fasciculo-3-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 5 jun.2024.

# VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

HADDAD, Maria Aparecida Onuki. **Habilitação e reabilitação visual de escolares com baixa visão**: aspectos médico-sociais. São Paulo, 2006.

LADEIRA, Fernanda; QUEIRÓS, Serafim. **Compreender a baixa visão**. Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica, nº 140, ed. 7, 1350-346, Lisboa, 24 de jun. 2002. Disponível em: [http://www.deficienciavisual.pt/x-txt-aba/Compreender\\_Baixa\\_Visao-FL&SQ.pdf](http://www.deficienciavisual.pt/x-txt-aba/Compreender_Baixa_Visao-FL&SQ.pdf). Acesso em: 20 jul.2024.

LAPLANE, Adriana Lia Friszman de; BATISTA, Cecília Guarneiri. Ver, não ver e aprender: a participação de crianças com baixa visão e cegueira na escola. **Cadernos Cedes**, v. 28, p. 209-227, 2008.

MANTOAN, Maria. Teresa. Egiér. A hora e a vez da Educação Inclusiva. **Educação & Família**, São Paulo, v. 1, n.5, p. 42-45, 2003.

OLIVEIRA, Ruam. **Educação inclusiva é assunto para todas as etapas de formação de professores**. Disponível em: <https://porvir.org/educacao-inclusiva-e-assunto-para-todas-as-etapas-de-formacao-de-professores/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SILVA, Vania. Regina. Jorge. da. **A inclusão no ensino de geografia para alunos cegos ou com baixa visão**: a legislação e a busca pelas bases teórico metodológicas. Duque de Caxias, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (UERJ/FEBF) Revista Eletrônica do NIESBF, v.12, n. 3, 2023.

---

Ayrton Madruga Barbosa  
Pesquisador e mestrando em Geografia  
pelo PPGEO/UERJ.

---

Gisely Guimarães da Silva  
Graduanda e pesquisadora EDU/UERJ